

PT fica isolado dentro da Frente Brasília Popular

2 NOV 1997

PTD, PSB, PC do B e PCB mantêm coligação, mas exigem participar das decisões

SUELENE TELES

O PDT, o PSB, o PC do B e o PCB, que, ao lado do PT, compõem a Frente Brasília Popular, decidiram dar o grito de independência. Continuam apoiando a candidatura de Cristovam Buarque ao governo do Distrito Federal, mas querem que as negociações aconteçam sem que o PT imponha sua supremacia. Como forma de se rebelar contra a hegemonia petista, resolveram que, a partir de agora, terão reuniões constantes, onde o PT não é mais o timoneiro nem é convidado. A isso deram o nome de repactuação.

Ontem pela manhã, aconteceu o primeiro destes encontros. Na próxima sexta à noite será o segundo. No encontro de ontem, ficou acertado entre eles, logo de início, que, a partir de agora, respeitada a independência de cada um, será dado um encaminhamento comum às negociações com outros partidos para que a Frente saia vitoriosa em 98. Decidiram ainda que a manutenção e o fortalecimento da aliança que levou o PT ao GDF tem que respeitar os interesses e contribuir para a realização dos

projetos de cada um dos partidos que compõem a Frente.

Rebeldia — Apesar da polidez dos presidentes dos partidos de não definirem esse comportamento como um ato de rebeldia contrá a posição que o PT sempre ocupou dentro da Frente com relação a eles —, é assim que quase todos eles se sentem. Não querem mais ser os últimos a saber sobre as decisões tomadas no Buriti nem querem mais a saia justa que têm sempre que usar quando a questão é a definição de cargos dentro do governo.

A insustentável situação vivida no momento pelos partidos que apóiam Cristovam não é nenhuma novidade. Uma de suas principais consequências foi o rompimento com o PPS, que decidiu bancar o nome de Augusto Carvalho em detrimento ao de Cristovam como candidato da Frente ao governo em 98. Apesar dos apelos públicos e da mediação de todos, não houve jeito para o acordo. Também socobrou uma suposta aliança entre o PT e o PDT, os dois maiores partidos da Frente.

A não materialização do acordo entre PT e PDT foi, ao final, o que pos-

sibilitou o nascimento da "repactuação" entre os menores. Cerca de um mês antes, as executivas do PT e do PDT saíram de um almoço comemorando uma prévia aliança onde ficou acertada "a nomeação" para os principais cargos eletivos da chapa que a Frente apresentaria em 98. À época, Chico Vigilante, presidente do PT, e Georges Michel, do PDT, acordaram que a melhor chapa para a disputa em 98 era a que contemplava os nomes de Cristovam (governador), Arlete Sampaio (vice) e Osiris Lopes Filho (senador).

Tudo poderia ter ficado como estava. Mas, tempos depois, alguns outros membros da executiva do PT declararam que jamais concordariam com a situação. Foi o suficiente para que o partido de Georges Michel se sentisse de novo fora do grupo hegemônico e passasse a repensar seu papel na Frente. Todos esses fatos aliados contribuíram para que não houvesse a tão sonhada reunião das executivas de todos dos partidos com o PT e o governador Cristovam, marcada para o último dia 15. Além das indefinições do PT, também contribuiu para a diáspora da Frente a demissão da diretoria da Regius — fundo de pensão do BRB.